

Originalmente publicado em: (Outubro 2008) *Actas do 7.º Encontro Nacional (5.º Internacional) de Investigação em Leitura, Literatura Infantil e Ilustração*. Braga: Universidade do Minho.

Educação estética, texto e imagem na literatura infantil de Ferreira Gullar

Alisson Feuser Porfirio*

Ariane Alfonso Azambuja de Oliveira**

RESUMO

Fruto de um projeto de iniciação científica, «A fábula na literatura infantil de Ferreira Gullar: Infância, recriação da linguagem, contemporaneidade da forma literária e novas leituras», aprovado de agosto de 2007 a julho de 2008 no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica da Universidade do Extremo Sul Catarinense (Brasil), o presente artigo propõe-se a estudar a relação entre texto e imagem em dois livros de poesia para crianças de Ferreira Gullar (1930-), *Um Gato Chamado Gatinho* (2000), e *Dr. Urubu e Outras Fábulas* (2005a). Baseando-nos em pesquisadores que dissertam sobre ilustração e educação estética na leitura de livros infantis, bem como em entrevistas do poeta e dos ilustradores, respectivamente, Angela-Lago e Cláudio Martins – ganhadores de diversos prêmios na área de literatura para crianças e referências da arte gráfica para a infância no Brasil –, tais obras se apresentam, sob nosso julgamento, coerentes com a idéia de se ter, nesse suporte, uma possibilidade para a educação estética dos pequenos leitores, tendo um projeto gráfico capaz de estabelecer um ritmo de leitura próprio aos textos e deixando espaços em aberto para o imaginário do leitor.

ABSTRACT

Elaborate in a scientific initiation project, «The fable in children's literature by Ferreira Gullar: Infancy, remake of the language, contemporary nature of the literary form and new readings», approved from August 2007 to July 2008 in the Institutional Program of Scientific Initiation Scholarships at UNESC (University of Southernmost Santa Catarina – Brazil), the present article aims to study the relation between text and image in two poetry books for kids written by Ferreira Gullar (1930-), *Um Gato Chamado Gatinho* (2000), and *Dr. Urubu e Outras Fábulas* (2005a). Based on researchers who discourse about illustration and esthetic education in the reading of children's books as well as on interviews of the poet and of the illustrators, respectively, Angela-Lago and Cláudio Martins – winners of several prizes in the infant literature field and references of the graphic art for the infancy in Brazil –, such works are presented, under our judgment, coherent with the idea of having, accordingly, a possibility for the esthetic education of little readers, having a graphic project capable of establishing its own reading rhythm to the texts and leaving blank spaces for the reader's imaginary.

Contribuir para a formação da sensibilidade das crianças significa incentivar e criar oportunidades para que elas se expressem, ampliem e enriqueçam suas experiências, aumentando suas possibilidades de interlocução e o entendimento da realidade que as cerca.

Daniela Guimarães

* Universidade do Extremo Sul Catarinense – alissonfeuser@hotmail.com.

** Universidade do Extremo Sul Catarinense – arianeazambuja@gmail.com.

1. Introdução

No Brasil, os primeiros trabalhos de ilustração de livro para crianças, produzidos entre as décadas de dez e trinta do século passado, tiveram seus desenhos concebidos com um caráter de ornamentação, enfeite a, quase sempre, pequenos fragmentos textuais. Não havia, intrínseco a eles, a preocupação em se criar uma linguagem que pudesse ter um significado outro, que ultrapassasse o do texto verbal. No entanto, com o decorrer dos anos, alguns ilustradores passaram a dar a seus trabalhos maior expressividade e movimento, indo na direção da sua própria interpretação do texto e criando, dessa maneira, um caráter de diálogo entre o desenho e a palavra (Brandão, 2008).

Uma quantidade expressiva do que se tem de ilustradores hoje, no cenário da literatura infantil brasileira, apresenta, segundo as palavras da pesquisadora da questão imagem/texto na literatura infantil Ana Lúcia Brandão (2008, não paginado), aquilo que se pode chamar de «sintonia com a infância». Um bom trabalho de ilustração deixará sempre um espaço aberto para o imaginário do leitor e terá um projeto gráfico capaz de estabelecer um ritmo de leitura próprio à história.

É neste preâmbulo que pretendemos estabelecer, neste artigo¹, fruto de uma pesquisa de iniciação científica intitulada «A fábula na literatura infantil de Ferreira Gullar: Infância, recriação da linguagem, contemporaneidade da forma literária e novas leituras»², alguns pontos de análise em relação às ilustrações de dois livros infantis de autoria do referido poeta, *Um Gato Chamado Gatinho* (2000) e *Dr. Urubu e Outras Fábulas* (2005a), sendo estes os focos principais da citada pesquisa e que se apresentam, sob nosso julgamento, coerentes com a idéia de se ter, nesse suporte, uma possibilidade para a educação estética dos pequenos leitores.

2. Ferreira Gullar

Ferreira Gullar é um escritor nascido no estado do Maranhão, região nordeste do Brasil, no ano de 1930, que começou a produzir poesia ainda na juventude. Em 1949 publicou o seu primeiro livro, *Um Pouco Acima do Chão*, e aos vinte e um anos já havia recebido um prêmio no concurso de poesias promovido pelo *Jornal de Letras* da capital do estado, São Luís do Maranhão. Foi em 1954, na cidade do Rio de Janeiro, que, através de seu livro *A Luta Corporal*, o movimento de vanguarda da poesia concreta no Brasil foi criado e, posteriormente, através de seu ensaio *Teoria do Não-Objeto* (1959), que se organizou o neoconcretismo. Deu por encerrada a estética neoconcreta e voltou-se para a cultura popular em 1961, quando passou a escrever poemas de cordel. *Dentro da Noite Veloz* (1975) já é fruto de uma complexa reelaboração de sua linguagem, atividade posterior à sua preocupação com as injustiças sociais e opressões debatidas em *Cultura Posta em Questão* (1964) e *Vanguarda e Subdesenvolvimento* (1969). Antes de escrever, no

¹ Artigo produzido inicialmente para a disciplina de Literatura Infanto-Juvenil ministrada pelo Prof. Dr. Gladir da Silva Cabral, no segundo semestre de 2007, na 6.ª fase do Curso de Letras da UNESC.

² Pesquisa de Iniciação Científica aprovada dentro do Programa Institucional de Bolsas de Pesquisa/PIBIC/UNESC. Período de aprovação: 1 de agosto de 2007 a 31 de julho de 2008, sob orientação da Prof.ª M. Sc. Antonia Javiera Cabrera Muñoz (Letras/UNESC).

exílio voluntário a que se submeteu em Buenos Aires, no ano de 1975, o aclamado *Poema Sujo*, escreveu várias peças teatrais, como *Se Correr o Bicho Pega*, *Se Ficar o Bicho Come* (1966) – essa de autoria conjunta com Dias Gomes, dramaturgo e autor de telenovelas brasileiro. De volta ao Brasil, deu continuidade à sua produção literária, tendo publicado poesia (*Antologia Poética*, 1977; *Uma Luz do Chão*, 1978; *Na Vertigem do Dia*, 1980; *Barulhos*, 1987; *Indagações de Hoje* e *A Estranha Vida Banal*, 1989; *Muitas Vozes*, 1999), ensaios (*Argumentação Contra a Morte da Arte*, 1993), ficção (*Cidades Inventadas*, 1997) e memórias (*Rabo de Foguete*, 1998), dentre outros títulos.

Mais recentemente, começaram a ser publicados textos que Gullar escreveu para crianças. Surgiram, então, sob sua autoria, *Um Gato Chamado Gatinho* (2000), *O Rei que Mora no Mar* (2001), *O Menino e o Arco-Íris* (2001) – sendo que, destes dois últimos, o primeiro é um poema dos anos sessenta e o segundo uma coletânea de crônicas escritas para o tradicional periódico *Jornal do Brasil*, também na mesma década – e *Dr. Urubu e Outras Fábulas* (2005a), além de ele ter realizado traduções de textos também pensados para a infância: *Fábulas (de La Fontaine)* (1997), *As Mil e Uma Noites* (2000) e *Dom Quixote de La Mancha* (2002).

Sobre sua produção para a infância, notadamente os livros que nos interessam aqui, comenta em entrevista a Rodney Caetano:

Nunca havia pensado em escrever para crianças. Isso começou quando escrevi alguns poemas para meu gato, sem o propósito de publicá-los. A editora Salamandra soube e me propôs editá-los [em Um Gato Chamado Gatinho]. Já os poemas do livro Dr. Urubu e Outras Fábulas foram escritos durante viagens que fiz de automóvel do Rio [de Janeiro] para São Paulo. Lembrei-me dos livros de histórias infantis que costumava ler quando criança, cujos personagens eram quase sempre bichos: o jabuti e o teiú, a onça e o veado, etc. (Gullar, 2008: não paginado)

Dentro da obra poética infantil gullariana, nossa pesquisa debruça-se, assim, sobre os livros mencionados pelo poeta em seu depoimento, haja visto que nos aproximamos deles através do projeto de iniciação científica, interessados, primeiramente, em estudar a fábula, mas, também, as leis e natureza internas do livro infantil.

3. Um gato chamado gatinho

O livro de poemas infantis *Um Gato Chamado Gatinho* (2000) foi publicado pela editora Salamandra e tem projeto gráfico, capa e ilustrações realizadas pela artista brasileira Angela-Lago, dona de uma carreira de mais de vinte anos de desenhos e textos dedicados às crianças e que, com este trabalho, recebeu o prêmio *O Melhor Livro de Poesia 2001* da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, seção em nosso país do *International Board on Books for Young People* – IBBY. Lago já ganhou, além desse, diversos outros prêmios e realizou inúmeros trabalhos para autores como José Paulo Paes, Regina Machado e Bartolomeu Campos Queirós, além de muitos outros.

O livro possui dezessete poemas e cada um recebeu um desenho feito à tinta óleo e em cores de fundo que variam entre vermelha, azul, amarela, cinza, verde-oliva e cinza-chumbo, se repetindo em algumas páginas. O tom requintado da edição é determinado ainda mais pela presença de uma espécie de «moldura» em cada um dos desenhos, na mesma cor de fundo utilizada nas cenas do Gatinho. O texto é disposto sempre na página direita, sendo acompanhado, ao lado esquerdo, pelo seu respectivo desenho.

Gullar diz, ao final do livro, que, em um primeiro momento, havia pensado que os poemas seriam ilustrados por seu neto, Estevão. No entanto, a expectativa do poeta foi desfeita ao descobrir que o menino não se interessava por desenhar gatos, «apenas animais selvagens, como leões, hipopótamos, tigres, gorilas e rinocerontes, ameaçados de extinção» (Gullar, 2000: 45). Assim, o trabalho recaiu, através da editora, sobre as mãos de Lago, que, ao final do volume, na última página, depõe a respeito:

Não foi muito difícil fazer os desenhos do Gatinho: tive meu gato de modelo. E ele é ótimo para desenhar. Parece um filósofo. Está sempre imóvel, meditando. Vai ver é preguiça. Mas, além de ser um ótimo modelo vivo, tem um ar de sábio que só vendo. Além disso, ele enxerga no escuro, o que me impressiona muito. Por isso o Gatinho, que para mim é, de alguma forma, também o meu gato, foi pintado da cor dos olhos. Fosforescente. Mas tampouco foi fácil ilustrar esses poemas. Tenho muita admiração pelo poeta e me deu um frio na barriga. Fiz muitos rabiscos. Decorei todos os versos. Depois desandei a pintar cada poema, uma, duas, três, quatro vezes, até de repente sentir: deu certo. Bem, pelo menos para mim. (Lago, apud Gullar, 2000: 47)

O envolvimento com o texto, necessário aos responsáveis pela ilustração, é evidente na relação de Angela-Lago com os poemas de *Um Gato Chamado Gatinho*. Ela relata que sua primeira idéia para o início da criação foi se inspirar em seu próprio gato e que o fato de tê-lo como modelo fez com que as coisas se tornassem mais fáceis. A imaginação é levada em consideração: não se têm desenhos realistas, o gato pintado por Lago é verde! Verde porque ela diz ficar muito impressionada com o fato de seu bichinho ver no escuro e, portanto, resolveu transformá-lo na cor que nós, humanos, conseguimos ver quando tudo está escuro: fosforescente. Adquirimos, dessa maneira, a principal característica, ressaltada pela desenhista, do próprio gato, e passamos a enxergá-lo de forma como se nós mesmos tivéssemos a propriedade de ver as coisas na escuridão.

Lago, como ilustradora contemporânea que é, se manteve envolvida com a completude do texto, não apenas com frases que lhe pudessem ser mais figurativas. Decorar os versos fez parte do processo de ela se tornar também autora da obra (pois quando decoramos um poema é como se ele se tornasse nosso e passa, então, a fazer parte de nossa vida e de nossa imaginação) e ser capaz de montar uma nova narrativa, através de seus desenhos.

O primeiro poema, «O gato curioso», apresenta o Gatinho:

*Era uma vez era uma vez
um gato siamês.*

*Por ser muito engraçadinho,
é chamado de Gatinho.*

*Além de ser muito carinhoso,
ele é muito curioso.*

*Nada se pode fazer
que ele não deseje ver.*

*Se alguém mexe na estante,
está lá no mesmo instante.*

*Se vão consertar a pia,
está ele lá de vigia.*

*E o resultado é que quando
viu seu dono consertando*

*a tomada da parede,
meteu-se, com tanta sede,*

*a cheirar tudo que – nhoque!
levou um baita de um choque!*

*E pensa que ele aprendeu?
Mais fácil aprendia eu!*

*Mantém-se o mesmo abelhudo
que quer dar conta de tudo. (Gullar, 2000: 9)*

É interessante notar que o desenho de Lago, como se pode ver abaixo, não cai na tentação (que seria grande, possivelmente, a ilustradores mais «fáceis») de retratar o clímax da pequena narrativa, o choque, que é também o desfecho da história. Pelo contrário, o que vemos é um gato de costas, pensativo, em frente a uma porta, ou seja, o que ganha cartaz é a personalidade do animal, não meramente suas ações.



Figura 1 – «O gato curioso» de *Um Gato Chamado Gatinho*.

Fonte: Gullar (2000).

Em depoimento encontrado no *site* da ilustradora, esta diz que em seu livro *Chiquita Bacana e as Outras Pequetitas*, publicado em 1985, ela procurou trabalhar escolhendo ângulos, como se tivesse uma câmara na mão:

Mas não a câmara de um cineasta. A câmara de uma desenhista de livro de história, que então procurava aprender, com os desenhos de crianças e com as miniaturas islâmicas e medievais, um pouco da arte de narrar através de imagens. Com essa câmara podia tirar a parede que não me convinha e distorcer a perspectiva de acordo com minha necessidade (Lago, 1995: não paginado).

Em *Um Gato Chamado Gatinho* mantém-se uma idéia aproximada a essa, pois os desenhos de Angela parecem caminhar como uma câmara sempre colocada à altura do animalzinho e que vai atrás dele pela casa, pegando-o nos momentos de maior preguiça ou mordomia, como se fosse ele mesmo o dono do lugar. Tanto, que o dono aparece, mas apenas como um colo, uma mão, umas pernas...

O traço da pintora lembra o impressionismo. Suas figuras não têm contornos nítidos, as sombras são coloridas e suas pinceladas parecem soltas e sem compromisso em criar uma figura clara. Essa técnica dá aos desenhos e, conseqüentemente, ao livro, um ar leve, tranqüilo – como o do próprio gato.

Interessante notar, ainda, que na capa encontra-se o nome do autor dos poemas, Ferreira Gullar, disposto de forma a ter o de Angela-Lago em uma espécie de sombra, subscrito: «desenhos de Angela-Lago». De forma simbólica, essa marcação pode ser encarada em relação à constituição do livro infantil, já que se pode dizer que os gatinhos desenhados pela artista sublinham aquele que é narrado nos poemas, fazendo com que desenhista e escritor criem juntos a atmosfera do livro – suporte que, classicamente, não é só texto, não é só ilustração.³

4. Dr. Urubu e outras fábulas

A obra *Dr. Urubu e Outras Fábulas* (2005a) é composta de dezesseis poemas, dos quais os personagens principais são, em geral, animais da fauna brasileira e que têm suas histórias ambientadas tanto dentro de casas, quanto na floresta. A diversidade de cores, nas imagens, é bastante explorada, o que amplia a atmosfera de diversão do livro.

O trabalho gráfico foi realizado por um grande desenhista brasileiro, Cláudio Martins. Tendo ilustrado inúmeros livros infantis e capas de livros de várias editoras, escreveu, também, histórias para crianças. Ao passar dos anos, ele foi adicionando premiações em seu currículo, como o prêmio Jabuti, em 1991 e 1992, o mais tradicional e importante prêmio literário do Brasil, e o prêmio Adolfo Aizem em 1993, dentre muitos outros.

³ Nota interessante é que alguns poemas desse livro foram musicados e gravados pela cantora brasileira Adriana Calcanhotto, em seu DVD de músicas para crianças *Adriana Partimpim: O Show*, lançado em 2005. Nele, os poemas «O gato curioso», «Gato pensa», «O Gato e Pulga» e «O dono do pedaço» aparecem em versões cantadas ao vivo.

Por tratar-se de um livro de fábulas, o texto é baseado em diálogos entre as personagens, que, na maioria das vezes, ocorrem em situações em que não há movimento. O desenho de Martins vem afirmando ainda mais essa característica estática do gênero fabular, no sentido de que não há nele narração de episódios, existindo apenas uma cena. Ainda, ao vermos os desenhos, conseguimos facilmente perceber as expressões faciais dos personagens quando estes estão sorrindo, curiosos, bravos, chateados, assustados...

Ao lermos o livro de Gullar, percebemos o quanto a imagem da criança nos é apresentada de uma maneira não convencional, em que estas parecem não ser tão inocentes como costumamos pensar, e nem inferiores no que diz respeito a suas atitudes e falas na relação com os animais, que nas fábulas são de um extremo valor. Martins consegue nos apresentar essa característica ao igualar as crianças às outras personagens, ilustrando-as em tamanhos iguais. Assim, podemos encontrar uma menina e uma formiga em proporções semelhantes, uma ao lado da outra, em uma mesma página. A idéia que se tem é que formiga e criança estão em níveis idênticos, a ponto de poderem manter um diálogo entre si. Idéia esta que pode ser, portanto, depreendida tanto através do texto quanto da ilustração.

Martins, ao ilustrar *Dr. Urubu e Outras Fábulas*, nos apresenta imagens que ocupam a página inteira do livro, sendo que o próprio texto está inserido nesses desenhos. Ele afirma que um projeto gráfico, muitas vezes, começa a ser definido no momento em que «o desenho e a palavra começam a tomar posição estratégica na página em função de volumes, peso, etc.» (em fase de elaboração)⁴. Dessa maneira, o leitor possui espaço para o seu imaginário, pois, além das personagens centrais, outras criaturas, que nem mesmo são citadas, aparecem, fazendo com que o leitor imagine além dos versos. Para tanto, os novos personagens são apresentados de forma sutil, porém excêntrica. Vejamos a fábula «O Elefante»:

— *Como tem passado,
senhor Elefante?
Sempre tão elegante!*

— *É bondade sua,
porque, aliás,
ando ultimamente
com uns quilos a mais.*

— *Que nada! O senhor arromba
com seu charme africano!*

— *Pena é esta tromba
e as orelhas de abano! —
lamenta o elefante. (Gullar, 2005a: 24)*

⁴ «Livro para criança é assunto de criança», artigo de autoria de Cláudio Martins, a ser editado pela revista *Releitura*, da prefeitura de Belo Horizonte.

Como percebemos no poema, o interlocutor do elefante não é determinado pelo autor, porém, na ilustração, ele aparece como sendo uma cobra. Na página, ainda aparecem uma formiga, e uma galinha pulando e botando um ovo, que nada têm a ver com a história. Além disso, na ilustração, tudo ao redor das personagens parece ter vida, tanto neste, quanto nos demais desenhos do livro. As árvores, os quadros na parede e, até mesmo, o bule de café possuem olho, boca e nariz, que criam expressões, o que nos faz pensar que eles estão ali com algum propósito e não apenas para compor a imagem. Como estes personagens não são apresentados pelo autor, mas são, sim, frutos da imaginação do ilustrador, cabe ao leitor direcionar uma finalidade a eles.



Figura 2 – «O Elefante» de Dr. Urubu e Outras Fábulas.

Fonte: Gullar (2005a).

O ilustrador revelou, sobre isso, que os desenhos assim, cheios de detalhes, têm «a intenção de povoar a história com outras possibilidades, leituras etc.» (informação verbal)⁵. Ele ainda diz que:

É claro que uns caras como o genial Gullar não precisam de alguém inventando mais coisas em volta de seus textos, mas o livro é um objeto caro no Brasil e eu não resisto ao fato de querer que ele fique mais tempo na mão da criançada, além de ser um intrometido de primeira. De primeira infância, é lógico! (informação verbal)

Mesmo trabalhando com linguagens distintas, autor e ilustrador, na literatura infantil, podem ter a mesma liberdade de criação, transformando, assim, o projeto gráfico em «uma sinfonia de ritmos» (Brandão, 2008: não paginado).

Ilustrar uma história pressupõe entrar num texto para o entender, encontrar um alfabeto certo de formas e cores para o acompanhar. É possível ser fiel à história, mas

⁵ Cláudio Martins; entrevista concedida por e-mail aos autores, a 23 janeiro de 2008.

também um bocadinho traidor. Um ilustrador não tem de ser o vassalo do autor, deve desenvolver um novo espaço a partir do texto. Melhor, num livro ilustrado os autores são dois: o escritor e o ilustrador (Pimenta, 2002: não paginado).

Ao abrir as páginas de *Dr. Urubu e Outras Fábulas*, o leitor logo se depara com uma ilustração viva, colorida e engraçada, onde lhe são apresentadas árvores narigudas, gatos pendurados em balões, cachorros pulando de uma árvore a outra, entre muitas outras situações aparentemente sem sentido. É possível ao leitor brincar e se divertir com os jogos de palavras, expressões e situações apresentadas pelo escritor Ferreira Gullar, mas lhe é permitido, também, percorrer este caminho através da ilustração, pois Cláudio Martins cria situações tão lúdicas quanto as de Gullar, porém com cores e imagens, construindo-se, assim, uma possibilidade ao leitor de imaginar tanto a partir do texto quanto do desenho.

5. Conclusão

Não há dúvida de que qualquer objeto, artístico ou não, pode ser fonte de prazer estético e portanto sujeito à contemplação. Não obstante, a produção de objetos que se querem «obras de arte» resulta de uma opção espiritual e prática, diferente do que produz objetos.

Ferreira Gullar

Apesar do pensamento, por vezes em voga, de que o que garante a qualidade a um produto cultural para criança é o seu «índice de informação», como se refere a isso Cabral (1998: 153), o que lhe assegura o estatuto estético, na verdade, é «o índice de fruição que toda a obra de qualidade propicia» (*id.*: 153). É preciso que o simbolismo das linguagens, no caso do livro infantil, a verbal e a não-verbal, esteja imerso nele, de forma que os «ditos e os não-ditos» (*id.*: 154) se façam saltar aos olhos de tempos em tempos, a cada nova leitura.

O que vemos nessas duas edições para o público infantil, *Um Gato Chamado Gatinho* (2000) e *Dr. Urubu e Outras Fábulas* (2005a), são trabalhos cujos projetos gráficos apresentam um minucioso cuidado de criação e onde materiais, técnicas, cores, formas e detalhes estão longe de serem considerados óbvios, no que diz respeito à criação em ilustração infantil. Um gato verde e pensativo, a despeito de o gato narrado ser tão curioso e ágil; girafas com colares e formigas gigantescas, apesar de nada disso ser citado pelo poeta, são imagens que podem ser vistas nessas publicações, que parecem pretender sempre fugir do evidente.

Esses livros apresentam um público-alvo bem definido e específico: as crianças (embora adultos também se interessem por livros infantis). Esse público, que não é abstrato e nem se encontra aparte da história (Leite, 2005: 1), é, do que se pode depreender da leitura das obras, um ser considerado complexo, completo, criativo, curioso e com

potencial para compreender todas as minúcias e sutilidades contidas nas publicações. Elas carregam o direito da criança «de intervir ativamente no processo sócio-cultural que lhe diz respeito» (Perrotti, 1990: 16), tanto pela sua obra poética quanto pelo trabalho visual.

A década de noventa significou um avanço de número e de qualidade nos projetos gráficos de obras literárias para o público infantil, no Brasil. Angela-Lago e Cláudio Martins fazem parte desse grupo de bons ilustradores que nosso país possui. O fato de um poeta como Ferreira Gullar se voltar para a infância, dar a esse público a qualidade de suas poesias e, concomitantemente, carregar em suas publicações um trabalho ilustrativo de tanta qualidade, é dar à infância o seu respeito devido.

Segundo Luís Camargo (1990: 167), «ilustração é arte» e ela é uma das primeiras portas de entrada da criança nesse mundo, já que «o acesso ao livro é muito mais fácil do que a museus, galerias, etc.». O ser humano precisa ter acesso a esse tipo de trabalho desde cedo, para que descubra e aprenda a perceber o que a arte pode lhe dar, algo como um mundo que não é só utilitário. Ferreira Gullar, em uma de suas entrevistas sobre arte e poesia, defende que a arte dá ao homem a possibilidade de adentrar em um outro mundo, que não o banaliza (Gullar, 2005b: não paginado).

A criança precisa ter contato com esse tipo de trabalho para ter o aprendizado das aparências, «aprender a ver, a ouvir, a saborear as formas sensíveis em si mesmas, a perceber os objetos de acordo com a sua estrutura e a sua formação, e não apenas segundo sua utilização imediata» (Forquin, *apud* Dias, 1999: 176). Assim, ela aprenderá a ter um olhar mais ativo e seletivo em relação às tantas coisas em massa que são produzidas na atualidade.

Para Gullar (*apud* Pinheiro, 2005: não paginado), um poeta é o mesmo que uma criança:

São pessoas que ficam permanentemente teimando; no fundo são meninos. Um menino que não amadurece. Mas que diabos é amadurecer? Virar um cadáver adiado, como dizia o Fernando Pessoa? O artista é, na verdade, a necessidade que o mundo tem de manter viva a fantasia, a ilusão, que no fundo é o que vale a pena.

Se a criança é, então, esse ser que carrega mais a florada fantasia, nada mais positivo do que tentar manter nela esse potencial imaginativo, através de materiais que carreguem a possibilidade de ela ter um encontro com o mundo da arte. Quando o infante pode ter em mãos livros como os aqui estudados, encontra uma porta para o mundo não-mensurável da elaboração e da criação estética.

Referências Bibliográficas

- ▶ BRANDÃO, A.L. (2008). *Guia de Literatura Juvenil na Internet*, [S.l.]. (disponível em: <http://www.sobresites.com/literaturajuvenil/entrevista11.htm>)
- ▶ CABRAL, M. (1998). A criança e o livro: Memórias em fragmentos. In LEITE, M.I.F.P. e KRAMER, S. (Orgs.), *Infância e Produção Cultural*, pp. 151-170. Campinas, SP: Papirus.
- ▶ CAMARGO, L. (1990). A criança e as artes plásticas. In ZILBERMAN, R. (Org.), *A Produção Cultural Para a Criança* (4ª edição), pp. 147-192. Porto Alegre: Mercado Aberto.
- ▶ DIAS, K.S. (1999). Formação estética: em busca do olhar sensível. In KRAMER, S. et al., (Orgs.), *Infância e Educação Infantil*, pp. 123-135. Campinas, SP: Papirus. (Coleção Prática Pedagógica).
- ▶ GULLAR, F. (2000). *Um Gato Chamado Gatinho*. Desenhos de Angela-Lago. Rio de Janeiro: Salamandra.
- ▶ GULLAR, F. (2005a). *Dr. Urubu e Outras Fábulas*. (ilustração de Cláudio Martins). Rio de Janeiro: José Olympio.
- ▶ GULLAR, F. (2005b). Ferreira Gullar (II) – Conta tudo... In *Suplemento Cultural e Literário JP Guesa Errante*, [S.l.]. (disponível em: <http://www.guesaerrante.com.br/2005/11/29/Pagina175.htm>).
- ▶ GULLAR, F. (2008). O resmungão necessário. *Rascunho, o Jornal de Literatura do Brasil*, Curitiba. Entrevista concedida a Rodney Cardoso, disponível em: <http://rascunho.rpc.com.br/index.php?ras=secao.php&modelo=2&secao=5&lista=0&subsecao=0&ordem=1041&semlimite=todos>.
- ▶ LAGO, A. (1995). Depoimento. *Site oficial de Angela-Lago*, Belo Horizonte. (disponível em: <http://www.angela-lago.com.br/palestra.html>).
- ▶ LEITE, M.I. (2005). Livros de arte para crianças: Um desafio na apropriação de imagens e ampliação de olhares. In *Teias*, Rio de Janeiro, ano 6, n.º 11-12, Jan./Dez. (disponível em: <http://www.revistateias.proped.pro.br/index.php/revistateias/article/viewPDFInterstitial/159/156>).
- ▶ PERROTI, E. (1990). A criança e a produção cultural. In R. Zilberman (Org.), *A Produção Cultural Para a Criança* (4ª edição), pp. 9-27. Porto Alegre: Mercado Aberto.
- ▶ PIMENTA, R. (2002). Era e não era uma vez. In, *Público* 12 Out. 2002. Disponível em Bedeteca de Lisboa: <http://www.bedeteca.com/index.php?pagelD=recortes&recortesID=614>.
- ▶ PINHEIRO, R. (2005). A trajetória comunicacional de Ferreira Gullar. *Jornal da Rede Alcar*, Maranhão, ano 5, n.º 56,1 Set. Disponível em: http://www2.metodista.br/unesco/rede_alcar/rede_alcar_59/rede_alcar_nucleos_maranhense_trajetoria_comunicacional.html.